

Bits e fluxos comunicacionais: cidade-rede e mutações espaciais e eletrônicas.

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza F. Cerbino
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Belas Artes/BAV

Percepções em movimento

Quais são as perguntas que devem ser feitas às cidades contemporâneas? Para além das diversas respostas possíveis, questionamentos e inquietações surgem a partir das transformações que o urbano vivencia, seja como espaço atravessado por redes tecnológicas, seja como espaço simbólico construído. E nas duas últimas décadas, com o constante desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, tem ocorrido uma crescente integração e convergência das redes telemáticas ao cotidiano urbano.

As cidades também concentram relações de poder e contrapoder, assim como diferenças culturais e todos os sentidos – materiais e simbólicos – que habitam a paisagem contemporânea, emergindo daí ambientes de semelhanças e de diferenças. É preciso perceber ainda que cada cidade abriga uma complexa rede de articulações sociais, e que para além dessas articulações existem ainda as marcas espaciais e temporais em seu tecido que são (re)organizadas de acordo com as visões vigentes, e utilizadas em cada época e em cada governo municipal. A significação do espaço é marcada, assim, tanto pela ação do tempo quanto pela ação do homem, ao constituir um espaço composto por “camadas temporais”, em que particularidades não são totalmente eliminadas, mas que na maioria das vezes estão escondidas.

O propósito desse trabalho é analisar como uma metrópole inserida nos processos de aceleração tecnológica, globalização e mercantilização, se configura como cidade-rede*. O referencial são as relações espaciais e temporais que se desenrolam no meio urbano contemporâneo, particularizando como se esboça a imagem da cidade-rede em solo carioca. Realizar um diálogo entre um espaço específico, o Rio de Janeiro, suas transformações e significações, é um dos objetivos.

Como reconhecer a cidade em suas múltiplas manifestações? Podemos ainda vê-la como um conjunto de coisas desejadas e produzidas pelo homem, resultando em uma textura de lugares? Como entender essa estrutura que transcende limites, barreiras e espaços? A que tipo de cidade nos conduzirão as novas tecnologias comunicacionais?

Uma das questões centrais é saber como a cidade se insere no movimento de expansão das economias interconectadas em escala transnacional. E, em que condições a sua forma atual pode ser definida por seu caráter peculiar - um lugar que permita aos seus habitantes se reconhecerem e se definirem por meio dele. Isso porque, paralelamente à reorganização do espaço e às transformações econômicas, sociais, culturais e políticas, a cidade associa-se a modos específicos e cambiantes de construção da realidade.

Logo, o desafio que se coloca é analisar as formas híbridas que continuam a emergir por meio da dinâmica das tecnologias informacionais e digitais e recombiná-las com os enclaves e situações existentes. Significa considerar tais tecnologias como parte

* Para esta pesquisa a acepção de “cidade-rede” engloba não só a forma atual do espaço urbano, mas também a sociedade constituída e apoiada nas redes telemáticas.

dos processos de construção e reconstrução do espaço, resultando em uma coexistência de pessoas, objetos, instituições, territórios e fluxos oriundos de diferentes momentos.

É importante apontar que a designação “tecnologias comunicacionais” engloba um conjunto de fatores contextuais, como o *hardware*, estruturas organizacionais e valores sociais, que os indivíduos utilizam para construir os processos comunicacionais com outros sujeitos. Essas novas tecnologias comunicacionais e informacionais (TIC) podem também ser investigadas por meio da teia de relações que criam entre os níveis individuais, organizacionais e sociais.

Elabora-se, assim, uma cidade eletrônica e global em que a informática e as telecomunicações aceleram ritmos, abrindo possibilidades de dinamização de forças produtivas e criando meios rápidos e abrangentes de produção e reprodução material e cultural (IANNI, 2002). Um panorama que se modifica rapidamente, seja através das próprias forças do capital e das tecnologias, seja através da globalização que padroniza, embora encoberta pelo discurso da heterogeneidade.

Vale lembrar o questionamento de Jesús Martín-Barbero sobre as mudanças socioculturais que a globalização produz (MARTÍN-BARBERO, 2002). No seu entender, há que se pensar com qual categoria estamos trabalhando e pensando o espaço, pois ao “transformar o *sentido do lugar no mundo*, as tecnologias da informação e da comunicação – satélites, informática, televisão – estão fazendo com que um mundo tão intercomunicado se torne indubitavelmente cada dia mais opaco”. Opacidade adquirida, entre outros quesitos, pela introdução da virtualidade e da velocidade em um “espaço-mundo feito de redes e fluxos e não de elementos materiais”.

Dimensões imaginadas

É nos grandes centros que se percebe uma distância ainda maior entre a urbanização globalizada e a cidade tradicional, não-integrada, das megalópoles do Terceiro Mundo (CANCLINI, 2003:156). Nestes “centros regionais emergentes”, serviços globalizados coexistem com outros setores tradicionais, com atividades econômicas informais ou marginais, com serviços urbanos deficientes, com a violência, o desemprego e a insegurança.

Ao mesmo tempo, algumas categorias como etnia, nacionalidade, raça, gênero, etc., que situavam socialmente os indivíduos de forma clara, apresentam hoje fronteiras ambíguas e móveis. Novas estratégias de sobrevivência e comunicação foram e são criadas, cotidianamente, pelos atores que se “movem dentro de campos de possibilidades fornecidos pelas trajetórias dos sistemas sociais” (RIBEIRO, 2004:101), ao construir uma paisagem contemporânea gerada pela diversificação, pela fragmentação e pela segmentação.

Especificidades que constroem um complexo sentido para a megalópole global, pois é, simultaneamente, espaço de contradições, e também de diversos significados que são “impressos” em sua estrutura. O espaço construído tem, assim, uma dupla caracterização: de um lado, demarca as formas de apropriação do espaço urbano e, de outro, tais marcas representam o elemento comum de mútuo pertencer entre o espaço e a coletividade que o dinamiza.

A partir de tais considerações, importantes questões surgem: que cidade global é essa? Como ela também se tornou eletrônica? Parte-se do princípio de que as grandes cidades contemporâneas mesclam elementos físicos e visíveis a tantos outros invisíveis. É a cidade dos fios, dutos, túneis, ruas, vias expressas, redes técnicas, imaginárias e sociais que se intercalam construindo um complexo organismo, cuja própria existência está atrelada às tecnologias digitais. Embora a sua compreensão e denominação não sejam unânimes, há que percebê-la oriunda de uma relação simbiótica entre as novas

tecnologias de base micro-eletrônicas, a convergência das telecomunicações com a informática e os espaços de fluxos. Vivencia-se a “era da conexão generalizada, do tudo em rede”, característica que implica em novos objetos e equipamentos que aumentam a capacidade de mobilidade e de deslocamento das pessoas.

Surge uma estrutura comunicacional, via novos suportes digitais, que possibilita instantaneidade, diversificação e, acima de tudo, interatividade, ao potencializar uma comunicação de muitos com muitos ou de todos com todos. Um ambiente permeado por fluxos comunicacionais que enviam e recebem textos, imagens e sons de qualquer nó ou ponto dessa rede. Cria-se, assim, uma espacialidade não-linear que sinaliza a demanda por outras formas de interação e de fruição do espaço, forjando atores sociais que não são apenas receptores, mas agora produtores e emissores de mensagens.

É preciso também perceber a forma como esses atores se apropriam das tecnologias, ao buscar a satisfação de um determinado desejo ou a realização de uma determinada atividade. Nesse sentido, a convergência não pode ser dissociada do modo como a sociedade realiza a disseminação e apropriação de uma ou de várias tecnologias. Por apropriação, entende-se aqui, não apenas o uso pelos sujeitos sociais, mas também a integração nas práticas cotidianas de obtenção, de processamento e de transmissão de informações com outros indivíduos.

Ao partir da noção de entrelaçamento ou malha, o termo “rede” ganha novos significados, passando a ser empregado para designar diferentes situações, como uma estrutura física reticulada (rede de esgoto, rede elétrica), um conjunto de meios de comunicação (rede telefônica), rede de computadores (internet, intranet), grupo de indivíduos (rede de contatos), etc. Neste trabalho, rede segue a acepção de Milton Santos (SANTOS, 2002) que a percebe como um conjunto de pontos nodais que são atravessados por fluxos. A rede deve ser dinâmica e sempre se adequar aos fluxos. Estes fluxos instantâneos ocorrem no espaço físico das cidades, sustentando e relacionando todos os elementos eletrônicos da vida urbana, sendo que tal transformação implica que as noções aceitas sobre a natureza do espaço, do tempo, da cidade e da vida urbana estão também em questão.

Como, então, pensar a cidade em suas múltiplas manifestações? Como distingui-la neste complexo panorama?

Faz-se necessário, então, entender e apontar as especificidades das cidades globais/informacionais. Como a cidade dita moderna se transfigura em um outro modelo hegemônico de organização espacial, além de perceber que modelos e conhecimentos diferenciados são elaborados. E, também, definir e explicitar a cidade global/informacional, em particular o Rio de Janeiro, com suas especificidades e perspectivas.

Por um lado, faz-se necessário pensar o papel da cidade na contemporaneidade como parte integrante de um sistema comunicacional pleno de simbolismos, não só por sua aparência, mas, sobretudo, pela existência de novas formas de consumo do seu espaço. A expansão de espaços eletrônicos não leva à dissolução das cidades, na verdade, os lugares urbanos e os espaços de fluxo eletrônico influenciam-se mutuamente. Logo, o conceito de espaço em rede e informatizado aceita a materialidade do território utilizado. O recorte por meio do espaço informacional possibilita entender como determinados processos foram possíveis de serem realizados na cidade e não em outro local, mas que não estão alheios ao todo que a envolve e circunda.

E, por outro, os fluxos e as redes presentes nas grandes metrópoles apresentam-se como reflexo de um processo global que permeia os espaços construídos. O objetivo é verificar se a cidade global é tanto um conceito quanto um lugar concreto da modernização capitalista, e em que circunstâncias. Como conceito, funciona no nível de fluxos econômicos assim como dos imaginários sociais que circulam física e virtualmente pelo mundo. E, como lugar, revela uma materialização dos significados globais e hegemônicos.

Diante deste complexo quadro, qual é a especificidade do Rio de Janeiro? Já que, sob o impacto da globalização, precisa rearrumar-se para enfrentar novas necessidades de produção, distribuição e consumo (e também manutenção). Que tipo de cidade-rede pode existir em um país periférico? Falar da inserção do Rio de Janeiro na economia em rede é falar de uma renovação que se fundamenta na concorrência entre cidades pela atração de capital e empresas estrangeiras.

Fluxos e redes em conexão

A afirmação de Manuel Castells de que vivemos em uma “sociedade da informação” (CASTELLS, 1999), que se desloca de um “modo de produção” para um “modo de informação” graças ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, impondo o que chama de “espaço de fluxos”, abre uma perspectiva interessante para se perceber um paralelo entre as transformações que ocorrem no espaço urbano e a expansão de novas tecnologias que o permeiam. O espaço de fluxos não só está presente na cidade informacional como a reestrutura e lhe dá novas formas.

Ao mesmo tempo, o capitalismo global determina, tanto para as economias centrais quanto para as periféricas, que elas se adaptem a uma competição gigantesca que tende a homogeneizar mundialmente as estratégias industriais e econômicas de cada país, região e cidade. O processo não cessa de ser ampliado por meio das redes comunicacionais, em que a difusão das tecnologias de digitalização tende a reduzir as distâncias e a reunir as metrópoles mundiais em um território tão descontínuo quanto globalizado por uma variedade de trajetos virtuais, determinando o desdobramento entre a distância espacial e a distância temporal.

Emerge um “território de redes”, onde os grandes centros urbanos são os nós. Redes policêntricas nas cidades e entre as cidades, cujos elos são também constituídos pelas metrópoles globais. O espaço é, assim, definido por redes, mas é também cada vez mais dividido e segmentado sendo reconfigurado por processos contraditórios de desterritorialização e reterritorialização, redesenhando-se policêntrico e construído por um emaranhado de redes.

O que se nota é que as cidades estão recobertas, ou em processo de vir a ser, por uma invisível teia de fibras ópticas, cabos de cobre, microondas, ondas de rádio e redes de comunicação via satélite que se espriam seja na terra, no oceano ou no espaço, configurando uma imensa estrutura de “treliças”. O ponto-chave é que a vida urbana resume-se a desenvolvimentos interligados no espaço urbano e no espaço eletrônico (GRAHAM, 2003). A velocidade dos *media* eletrônicos adensam uma outra percepção espacial e temporal, que vem substituindo a noção de “tempo-duração” por “tempo-velocidade”. Esta percepção surgida das tecnologias eletrônico-comunicacionais é marcada pela presentificação, ou melhor, pela interatividade on-line que altera o sentido cultural do espaço e do tempo.

O espaço que é hoje um emaranhado de fluxos originou-se de uma nova ordem geográfica e econômica transpassada pelos progressos dos transportes, das comunicações e da informática, em que os modos de produção e consumo pós-fordistas têm gerado novas organizações urbanas. As tecnologias da informação não são

simplesmente ferramentas, mas processos a serem desenvolvidos. Há, portanto, uma integração e relação muito próximas entre estes processos, e a configuração do urbano, que se transforma e se modifica em relação ao fluxo global informacional.

O espaço em rede não representa o fim das áreas já estabelecidas, pois qualquer cidade é marcada por sua história, e ainda aloca uma parte da sociedade que se encontra excluída desse processo. Apresenta-se, contudo, composto de forma hierarquizada e articulado a redes globais, que por sua vez estão organizadas em outras redes de fluxos de informação.

Não se trata da destruição das velhas formas urbanas, mas de reconhecer a instauração de uma nova dinâmica de reconfiguração que faz com que o espaço e as práticas sociais das cidades sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas. O objetivo “deve ser o de criar formas efetivas de comunicação e de reapropriação do espaço físico, reaquecer o espaço público, favorecer a apropriação social das novas tecnologias de comunicação e informação e fortalecer a democracia contemporânea” (LEMOS, 2004:21).

É importante apontar que toda cidade é e sempre foi composta por diversas redes que permeiam todos os espaços da vida urbana, seja esta física ou digital, integrando o mundo “por meio de redes globais de instrumentalização”. Essa idéia permite que se compreenda a relação entre as cidades atuais e as novas tecnologias de comunicação e informação, já que a importância das “novas redes telemáticas” é sentida não só nos seus usos, mas também na organização urbana.

Cabe, então, uma questão: que redes são essas? Ou ainda, o que as diferencia das demais redes anteriores na sustentação da urbanidade?

Tais redes são “como um espaço geográfico onde há a relação entre o que é fixo (assentamentos, complexos industriais, infra-estrutura) e o que é fluxo (transporte, informação, movimentação de capital)” (SANTOS, 2002). Uma rede é o conjunto de pontos nodais atravessados por fluxos, devendo ser dinâmica e estar sempre se adequando aos fluxos. Portanto, rede urbana constitui um assentamento atravessado por fluxos que servem de fio condutor de vários movimentos na urbanização e na ocupação do solo.

As redes e os produtos digitais possibilitam a realização de atividades econômicas, a interação e a mobilidade da sociedade, desvinculando o homem do seu espaço físico. É viável perceber que não é somente a globalização que caracteriza e molda a cidade global, mas também e, essencialmente, a digitalização que está em interface com o espaço urbano.

Assim como as redes urbanas (de transporte, gás, eletricidade, telecomunicações) são a fundação básica de infra-estrutura para operar o moderno sistema econômico e social das cidades, as redes telemáticas são a nova chave para a compreensão das cidades. A rede urbana funciona, assim, como elemento estruturador do território, já que as cidades desempenham a função de nódulos dos sistemas de fluxos que os dinamizam.

Na economia industrial as redes urbanas estruturavam-se, essencialmente, por meio de fluxos materiais; sob o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), porém, os fluxos simbólicos tornam-se cada vez mais decisivos na definição das hierarquias urbanas e da capacidade de polarização de cada um de seus elementos. Remodela-se a base material da sociedade através das tecnologias da informação, estabelecendo uma interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade (LEMOS, 2005:22-39). A cidade é, assim, um conjunto de redes não só sociotécnicas, mas também simbólicas.

A formatação das cidades contemporâneas conecta-se também as tecnologias da informação e da comunicação que se popularizaram a partir da década de 1990, quando se consumou a cobertura do planeta com satélites de telecomunicações, redes digitais de cabos e de fibra óptica, assegurando tanto a transmissão de comunicações telefônicas, de mensagens sonoras e visuais, quanto a transmissão de dados. Lugares anteriormente separados estão interligados com um mínimo de tempo - ou seja, quase que se aproximando do tempo real. Fluxos de informações, voz, e-mail, vídeo, fax e sons estão aumentando exponencialmente, fazendo com que as cidades fiquem cada vez mais atadas a extensas redes de comunicação, a fluxos de serviços e mídia e aos fluxos de dinheiro eletrônico.

Conexões globais, desconexões locais

A partir dos marcos de noção de controle e domínio urbano dos mecanismos econômicos e financeiros em escala mundial, o conceito de cidade global surge, ao especificar o papel de controle financeiro exercido por metrópoles dos países centrais da economia internacional, como Nova Iorque, Londres e Tóquio. Para Saskia Sassen, as cidades posicionadas na hierarquia das redes mundiais de controle financeiro seriam classificadas em função da expansão de seus setores terciários qualificados, baseados no crescimento das atividades que incorporam novas tecnologias e sistemas de inovações e, conseqüentemente, uma progressiva redução de suas atividades industriais (SASSEN, 2000). A combinação da dispersão geográfica, dos progressos dos transportes, das comunicações e da integração mundial criou, portanto, outro papel estratégico para as cidades centrais, que passaram a concentrar funções de comando e a abrigar empresas em espaços e tecidos urbanos que se especializam, competem e se complementam.

Cidades que são os vetores do processo de globalização, ao desempenhar as funções de centros financeiros, de unidades de grandes corporações, de bases de rede de serviços que servem de apoio ao processo global, etc. Assim, a emergência das cidades globais são produto e condição do modo pelo qual se dá a dispersão das atividades econômicas pelo mundo.

Sob o impacto da globalização, não só mudaram a dinâmica, o tamanho e a escala das cidades contemporâneas nos níveis local, nacional e global, mas também a forma como são vivenciadas, imaginadas e concebidas. A dinâmica da globalização deve ser entendida não só como modo de produção ou de organização econômica, mas também como um processo que afeta a sociedade, instituições, mídias, cultura, etc. É, portanto, um processo não só econômico, mas também tecnológico e cultural.

Há assim uma organização fragmentada do espaço urbano, identificada com um novo “tipo histórico de cidade” que se distingue, tanto na estrutura econômica como na estrutura social e espacial que dela resulta, do tipo histórico que teria acompanhado a fase da hegemonia da produção industrial fordista. Esta configuração acentua-se como conseqüência da reprodução de modelos de desenvolvimento alheios à realidade econômica, tecnológica e social da maioria dos países. O resultado, em termos urbanísticos, é a megalópole de crescimento disperso e fragmentado que criou arquipélagos e guetos residenciais, ou seja, é uma cidade que gera divisões espaciais, temporais e sociais entre seus habitantes.

Tais cidades, além de serem os lugares-chaves para um tipo de serviço avançado e para as telecomunicações, concentram, também, as matrizes das grandes corporações multinacionais. Transformam-se em “espaços transnacionais”, pois passaram a ter mais em comum umas com as outras do que com os centros regionais e seus próprios países. Houve uma “erosão do papel exercido pelo governo na economia mundial, que era muito maior quando o comércio era a forma dominante de transação internacional,

deslocando parte do trabalho de organização e de prestação de serviços para empresas especializadas na prestação de serviços e para os mercados globais que atuam neste setor e no de finanças” (SASSEN, 2000:35).

As formas assumidas pela globalização acabaram então por criar certas exigências quanto à organização espacial, além de pressionar para uma “metropolização” do espaço, criando novas tipologias urbanas. Os processos reposicionam, de fato, as funções exercidas pelas metrópoles em redes ampliadas às escalas nacionais e internacionais. Há três processos em andamento inseridos nas cidades: a globalização, a informatização/informacionalização e a urbanização, em que tais fatores convergem, criando a face da cidade contemporânea. Além disso, apresentar determinadas características é decisivo para que sejam consideradas globais, mas tal conceito só faz sentido se a cidade for componente de uma rede mundial de locais estratégicos no mundo, pois não há cidades verdadeiramente globais isoladas ou desconectadas entre si.

A desterritorialização econômica, a globalização dos mercados, assim como a televisão a cabo, o fax, o celular de última geração, a comunicação interativa, as infovias, levam ao consumo do presente com maior rapidez e vulnerabilidade. Na cidade global os cidadãos são, antes de tudo, consumidores. Consomem não só bens materiais, mas, sobretudo, bens simbólicos que traçam limites quase labirínticos nas trilhas das cidades. A lógica atual do capital enfatiza cada vez mais a produção de bens e mensagens culturais, que ganham mais força nos mercados globais. Um processo muito mais veloz, confuso e hibridado, sendo sobrepujado pelo novo paradigma da cultura multimídia que nos envolve diariamente.

Surgem, assim, espaços segregados dentro do traçado urbano, estabelecendo circuitos de deslocamento para cada indivíduo e construindo um mapa através do qual se orientam. A paisagem urbana é perpassada por conexões entre imaginários e consumo, entre a descentralização urbana e as práticas da globalização cultural, ao estabelecer uma espetacularização da posse, articulando-se em novas modalidades de consumo. No entanto, quando falamos em consumo, estamos nos referindo a um tipo diferente de sociedade, diferente da “sociedade de produtores”, pois em seu atual estágio, a sociedade necessita engajar seus membros através da condição de consumidores. A modernidade que gerou esta sociedade de produtores é pesada, e a “sociedade de consumidores” é leve e fluida, que se dilui em um jogo dinâmico.

Mobilidade, acesso e conexão

A cidade rede é a cidade contemporânea que vive sob o signo do digital e do virtual, estabelecendo uma analogia que vai além da simples metáfora, pois, além de fazer circular a informação, aprofunda e expande a própria realidade física. Ao mesmo tempo que são incorporadas às camadas infra-estruturais do tecido urbano, as redes telemáticas insinuam-se como um privilegiado meio de informação e comunicação entre os setores da administração pública e os seus habitantes.

Mas, afinal, para onde essa cidade nos levará? A uma conectividade total que promete a estruturação de novas comunidades, multicentralizadas e abertas? Como as articulações entre o espaço urbano e o virtual podem ser entendidas? Quais serão as conseqüências geradas por esse imaginário eletrônico que simula, ao invés de refletir ou representar, as interações da realidade?

Se, por um lado, as cidades são concentrações físicas que auxiliam a superação das restrições de tempo pela minimização das limitações de espaço, por outro, as telecomunicações produzem efeitos opostos, superando as restrições de espaço pela minimização das limitações de tempo que interliga pontos, ou nós, através de fluxos

(GRAHAM, 2003). A questão-chave, portanto, é a conexão do espaço urbano com o eletrônico. Mas entender essa dinâmica implica perceber um ordenamento complexo, interativo e instável que conta com a desordem expressa no acesso à rede e às diversas sociabilidades que ali se apresentam.

A vida urbana revela-se, então, no entrelaçamento de ambientes antagônicos, mas que se interconectam e coexistem. A cidade continua a ser o principal “artefato” construído pelo homem, pois é nela que se agrupa socialmente, construindo culturas híbridas e fazendo parte de um lugar, elaborando uma outra dimensão do estar, criando a “polis” contemporânea inserida na sociedade das redes informacionais e telemáticas. O local dessa rede de fluxo reestrutura e dá forma às cidades contemporâneas não se opondo ao espaço de lugar. Ao contrário, a relação aí existente torna-se cada vez mais aguda, em que ruas, monumentos e praças passam a coexistir com os espaços de fluxo. Há, assim, uma intensa relação entre estes dois elementos, permitindo a coexistência entre a cidade de concreto e a “cidade de bits”.

A informação digital está em toda parte sobreposta à realidade física tangível, gerando redes que, por sua vez, criam lugares privilegiados em seus pontos de acesso e conexão. A composição da realidade é amplificada através de lugares inteligentes onde bits circulam e os mundos físicos e digitais se interligam pela infra-estrutura telemática, estabelecendo a simultaneidade e a heterogeneidade da experiência urbana contemporânea. A preponderância dos fluxos em redes, de informações, pessoas ou mercadorias, tem como alvo principal a aceleração logística do sistema econômico e financeiro, suplantando a lógica tradicional de lugar e espaço.

É preciso reconhecer que a cidade-rede não é produto de um único evento ou de alguma invenção isolada, mas resultado da convergência gradual de processos. Foi o desenvolvimento dos *hardwares* para armazenamento, transmissão, distribuição por redes de informações digitais, combinados aos softwares e sistemas de interface que transformaram e abriram os caminhos para algo inovador. Além disso, produtos e serviços baseados nessas diversas tecnologias são agora produzidos e distribuídos através de uma ampla frente econômica constituída pelas indústrias de telefonia, rádio e televisão, TV a cabo, semicondutores, computadores, aparelhos eletrônicos de consumo, software editorial e de entretenimento, que se tornaram cada vez mais integrados e interdependentes (MITCHELL, 2002:33).

Trata-se da ampliação das diversas formas de conexão motivadas pelo desenvolvimento tecnológico e pelo incremento da computação ubíqua (3G, *Wi-Fi*), da computação móvel (RFID⁵, *bluetooth*) e da computação pervasiva¹, além da continuação natural de processos de emissão generalizada e de trabalho cooperativos da primeira fase dos CC (*blogs*, *fóruns*, *chats*, software livres, *peer to peer*, etc) (LEMOS, 2004).

A mobilidade é uma das características fundamentais quando se contextualiza uma urbanidade composta de redes em que boa parte dos recursos, bens e populações

¹ Ubiquidade e pervasividade são quase sinônimos. Ubiquidade é a possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, e a computação pervasiva está diretamente ligada à idéia de ubiquidade e se caracteriza pela introdução de chips em equipamentos e objetos que trocam informações. Computação consciente (senciente) é a possibilidade de interconexão de computadores e objetos através de sensores que se reconhecem de forma autônoma e trocam informações. Já *Wi-Fi* e *Wi-Max* são padrões técnicos para internet sem fio, enquanto *Bluetooth* é o padrão de conexão para redes sem fio, com alcance de 10 metros, usado para conectar equipamentos caseiros como impressoras, celulares, computadores. Há outros padrões também em andamento como o MIMO, OFDM, *ZigBee*, *WiBRO*, NFC, CDMA, VOIP, etc. Para maior aprofundamento, Cf. www.wirelessbrasil.org/eduardo_prado/es01.html; www.dailywireless.org; www.wimwxnetnews.com; www.teleco.com.br/emdebate.asp.

não estão mais estáticos em seu território, mas em movimento e em permanente transformação. Não se pode mais falar com precisão de outrora de estrutura urbana, de relação entre locais, quando o conceito de lugar, como caracterização de um espaço fixo, com qualidades específicas, evoluiu para uma caracterização nômade associada ao indivíduo que se move, no tempo, no espaço, permanentemente, conectado à rede.

Rio de Janeiro: construções de um espaço

Diante da organização do atual sistema urbano, mais descentralizado e, portanto, mais dependente de uma rede entre as cidades, como se situa o Rio de Janeiro? De modo mais específico, qual o impacto que os diversos fluxos – sociais, informacionais, comunicacionais, econômicos, culturais – causam na cidade e como diferenciá-la de tantas outras?

Segundo Angel Rama, as cidades latino-americanas não enfrentaram o impulso modernizador de fins de século XIX inspiradas pelo tema democrático, pois a tradição da razão do Estado, que pairava sobre os interesses do homem, cortou a dimensão libertária inscrita no fenômeno da urbanização e na experiência republicana. Ela foi ordenada por uma elite intelectual que, agregada ao poder, manifestou uma ordem não só revelada no traçado urbano, mas, sobretudo, na transposição de uma ordem social altamente hierarquizada, construindo uma “cidade letrada” (RAMA, 1985). Ampliando o pensamento de Rama, é possível perceber que estas cidades refletem uma construção ordenada e planejada da exclusão como integrante da camada urbana, em que as partes desintegradas compõem mega-espacos locais.

A passagem da “cidade letrada” para uma “vídeo-cultura urbana” coincide com a perda dos limites e sentido da cidade. A particularidade é clara nas metrópoles onde a estrutura fundacional se dilui ou se degrada, adquirindo mais peso a tendência a celebrar espaços em extinção ou retomá-los, ou, ainda, recorrer à espetacularização como recurso construtor do urbano.

No Rio de Janeiro, as contradições se expressam no embate entre a cidade consumo e a cidade marginalizada, a cidade popular e a cidade global, memórias do passado e projeções de um futuro que está sempre próximo. Entretanto, elas não são excludentes, pois demonstram que o acesso social desigual marca a busca de uma modernidade constantemente idealizada. Além disso, as sucessivas ordenações pelas quais passou significaram não só a reformulação do próprio conceito de espaço, modificando a mobilidade e a circulação de mercadorias, de objetos e de pessoas, como também o tempo de deslocamento. Alterou-se não só o espaço como um todo, mas também o espaço intermediário do trajeto.

A cidade passou por intensos processos de urbanização e metropolização a fim de adaptar-se às dinâmicas da expansão capitalista. As contínuas construções, desconstruções e reconstruções não se deram de forma homogênea ou linear, mas heterogeneamente e aos saltos. Tais ações, além de não gerar os resultados esperados, criaram ambientes social e espacialmente hierarquizados, instaurando não só a transformação da sua forma, mas também a modificação do comportamento e de valores, tornando-a culturalmente híbrida. As sucessivas estratégias de modernização acumularam um variado repertório visual, além de uma intrincada rede social e espacial.

O seu espaço é produto de três momentos distintos, momentos que alteraram sua estrutura física, social e cultural. Distrito Federal (1889-1960); estado da Guanabara (1960-75); e município do Rio de Janeiro (de 1975 em diante). Períodos fundamentais para a construção do mito da cidade e, também, de sua destruição. Vista anteriormente como a “Paris Tropical”, ao buscar o cosmopolitismo e o crescimento industrial entrou em contradição com o próprio papel de Paraíso terrestre que lhe foi atribuído.

Contemporaneamente, o ritmo acelerado das transformações econômicas e políticas, surgidas a partir da década de 1990, impôs à cidade um papel de destaque².

Entre a vanguarda e o atraso, o dinâmico e o estagnado a cidade persegue sua condição de “cidade estratégica nacional”, demonstrando que, apesar de todas as contradições do seu espaço, é das políticas públicas e da ação do Estado que saem as diretrizes desse caminho. Se a cidade, na passagem do século XIX para o XX, era vista como uma “alegoria nacional” em relação ao ideal de progresso, nesta passagem de séculos não só deixou de existir um projeto nacional centrado na metrópole carioca, como a própria possibilidade de um projeto histórico unitário deixou de ser viável.

Particularidades da cidade-rede carioca

No cenário da nova economia, as metrópoles têm se transformado em centros nodais e em localização-chave de serviços de alto valor (comunicação, cultura, entretenimento, saúde, educação, pesquisa e desenvolvimento, inovação etc.). E o jogo contraditório e normalmente tenso entre o local e o global apresenta-se como uma das características principais da metrópole contemporânea carioca, atravessada por temporalidades e culturas distintas, e por diversas redes comunicacionais que interagem.

Tratar a cidade inserida em rede é uma forma de potencializar seus espaços e outras particularidades geradas a partir de tais articulações. Redes de dados, redes de informações, redes de tráfego, redes de produção de conhecimentos, redes de comunicação, etc. Variadas são as existentes, e listá-las não é suficiente. Interessa aqui perceber como estas se articulam no espaço de fluxos e nos fluxos do espaço. Fluxos que geram outros fluxos a partir de suas próprias dinâmicas.

Ao intencionar ser uma *global city*, o Rio de Janeiro se apóia, justamente, em um discurso que reafirma a sua “vocação para o moderno”, no alcance de sua influência no cenário nacional e no seu dinamismo cultural, que, aliados a uma gestão municipal estratégica, articulam sua entrada na rede global de consumo.

Um dos traços da contemporaneidade é a imagem alçada à condição de mercadoria e de ícone. E por ser baseada na informação e na comunicação são os processos comunicacionais e informacionais que adensam e constroem as hibridações entre a “tecnicidade e a visualidade” que se instauram no espaço e se entranham na estrutura do cotidiano. Trata-se de perceber a tecnologia como uma das produtoras da visualidade atual. Outra noção de continuidade é então introduzida na cidade: a das redes e dos circuitos, em que o paradigma dos fluxos conecta, hoje, os modos de organização do urbano com as novas abordagens da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002).

Como saltar da “cidade letrada” para a “cidade informacional” global? Para construir uma reflexão sobre a constituição de uma cidade-rede carioca, é necessário pensar como o Rio de Janeiro se insere na lógica da globalização. Suas particularidades só podem ser entendidas no contexto de um país de Terceiro Mundo, isto é, “numa situação de uma modernidade incompleta, em que se justapõem traços de opulência, devidos à pujança da vida econômica e suas expressões materiais, e sinais de

² Para maior aprofundamento, Cf. ABREU, Mauricio de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997; CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro Vezes Cidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1994; LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2005. (Coleção Metrôpoles); entre outros.

desfalecimento graças ao atraso das estruturas sociais e políticas” (SANTOS, 2000). Em uma cidade com alto nível de segregação cultural, social e econômica, é praticamente inviável o sucesso absoluto de um padrão urbano globalizador, pois o que está em questão é a atribuição de sentido à cidade e à racionalidade da gestão adotada.

Os programas Rio-Cidade³, Favela-Bairro⁴, Revitalização da Zona Portuária, além da construção das Vilas Olímpicas, e a realização dos Jogos Pan-americanos/2007, entre outros, são exemplos de um extenso processo de ação política, em andamento desde a década de 1990. Trata-se, portanto, da elaboração de um projeto de política de longo prazo associado à transformação da cidade em pólo de lazer, de tecnologia e de consumo. O que está em jogo é o poder do capital simbólico coletivo, isto é, de marcas especiais de distinção que se apegam a algum lugar que tenha um poder de atração significativo sobre os fluxos do capital em termos gerais (HARVEY, 2003: 158).

Fragmentado e reestruturado, o espaço físico do Rio de Janeiro associa-se à rede telemática que é operada por atores sociais em variados espaços, como os residenciais, de trabalho ou de lazer. O espaço urbano é interfaceado por dispositivos como cabos, roteadores, antenas de celulares, servidores, *hubs*, etc., necessários para o trânsito das informações digitais, complexificando a realidade contemporânea em um processo de atualização contínuo. As novas formas de conexão aceleram a mobilidade do ambiente, em que as tecnologias de comunicação e da informação são os vetores principais desse fluxo e dessa circulação generalizada de pessoas, produtos e processos, relacionando tecnologia digital, comunicação e mobilidade (LEMOS, 2004).

Novas tecnologias sem fio estão, aos poucos, se fazendo presentes na cidade, como as redes *Wi-MAX*⁵ e *Wi-Mesh*⁶, mas ainda são poucas as empresas que as utilizam ou disponibilizam, além dos aparelhos eletrônicos com tecnologia *Bluetooth*⁷, usada para conectar celulares a fones de ouvido, computadores a impressoras e transferir chamadas, arquivos, sons e imagens. Um exemplo a rede *Wi-Fi*, da Telemar e da Oi instalada em todo o anel do Maracanã⁸. A idéia é permitir que torcedores, profissionais a trabalho e visitantes possam enviar textos e imagens em tempo real, a partir de seus *notebooks* ou *handhelds*, a uma velocidade de até 11 Mbps.

Trata-se da conexão permanente, interligando redes e cancelando a validade de fronteiras entre diferentes tipos de produtos intelectuais e serviços informativo-culturais. A cidade do Rio de Janeiro está quase toda recoberta por “uma teia gigantesca e invisível” de fibras óticas, cabos de cobre, microondas, ondas de rádio e redes de comunicação via satélite, conectando o sistema urbano a uma malha eletrônica. Essa circunda e envolve a cidade, constituindo a base tecnológica para a aceleração dos fluxos de telecomunicações, de voz, de dados, de imagens, sinais de TV e de vídeo. Fluxos que se expandem no espaço físico, sustentam e tendem a inter-relacionar elementos da vida urbana antes isoladas.

A implantação da chamada Cidade Digital, *City Cloud*, *Wireless City*, Cidade sem Fio, Cidade-rede, ou qualquer outra denominação pode favorecer não só projetos de inclusão digital, mas também os demais serviços e órgãos que necessitem de rapidez e qualidade de atendimento, como polícia, bombeiros, serviços ligados a Prefeitura

³ Para maior detalhamento, Cf. www.rio.gov.br.

⁴ Para maior detalhamento, Cf. www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela/frames.html.

⁵ Versão “turbinada” do *Wi-Fi* e significa *Worldwide Interoperability for Microwave Access*. Para maior aprofundamento, Cf. www.revistawimax.com.br.

⁶ A rede *Wi-Mesh* (malha) é resultante da combinação das tecnologias *Wi-Fi* e *Wi-MAX* que estabelece interconexões sem fio entre os pontos de acesso. Para maior aprofundamento, Cf. www.revistawimax.com.br.

⁷ Para maiores informações, Cf. www.bluetooth.org.

⁸ Para maiores informações, Cf. www.vex.com.br e www.mundivox.com.br.

Municipal, serviços de emergência, atendimento social, turismo, bibliotecas volantes, monitoração de segurança (*Surveillance*) por meio de câmeras *wireless*, comunicação de voz através da tecnologia de *VoIP*, etc.

Uma conclusão em construção

Da realidade material à realidade digital, o Rio de Janeiro tem sido alvo de estratégias que modificaram não só sua espacialidade como também comportamentos, modos de vida e sensibilidades. Porém, para além das atuações voltadas à espetacularização, interessa perceber a conformação de uma cidade que cada vez mais agrega à agenda política ações culturais que, por sua vez, articulam-se às novas tecnologias digitais. Cidade-rede e cidade-espetáculo mesclam-se por meio de um imbricado sistema comunicacional e informacional, maximizando o potencial de produção e funcionalidade dos serviços oferecidos.

Através da rede tecnológica, a cidade em conexão se reescreve e se reordena, vinculando manifestações sociais e culturais a distintos trânsitos entre fixos e fluxos. Relação que se dispõe a encontrar os sentidos da cidade e chegar aos seus imaginários construídos. Dessa forma, mediação, territorialidade e tecnologia se entrecruzam para compor e permitem entender o “espaço técnico-científico-informacional” como responsável pela comunicação que caracteriza o cotidiano na cidade do século XXI, que o transforma continuamente.

Mundialmente conectado e inserido no processo de globalização econômica, o Rio deve ser visto como uma cidade que se realiza pelo movimento: transporte de informação e de comunicação. Sua atual estrutura se faz em um “espaço em movimento” e “pelo movimento”, indicando a construção de territorialidades, em que o componente essencial é a rede.

O espaço carioca é atravessado por fluxos, mobilidades e redes e em permanente imbricação. Entender o Rio por meio deste emaranhado é percebê-lo inserido em um duplo movimento de forças que complexificam, ainda mais, a sua materialidade. Se, por um lado, a comunicação em tempo real permite teleconferências, transações financeiras *on-line*, visualizações à distância etc., expandindo seus limites para além das coordenadas geográficas, por outro, o desenvolvimento tecnológico mapeia toda a cidade e elimina suas “zonas de sombras” por meio de câmeras instaladas nas ruas, circuitos internos de TV, monitoramento e segurança por meio de aparatos tecnológicos, sistema integrado e global de monitoramento do tráfego, etc. A cidade é, portanto, um híbrido de “sistemas de objetos e sistemas de ações”, de sobreposições temporais que se alteram a cada inovação.

O sistema de redes e fluxos permite um conceito mais abrangente, que permite entender o funcionamento das várias atividades, ações e objetos que se interconectam. Redes de dados, de informações, de tráfego, de conhecimento, de comunicação, de pessoas. Redes que se referem não só à representação metafórica da cidade digital, mas também à cidade real, com seus espaços concretos, permeados pelas estruturas virtuais que permitem a digitalização da informação e da comunicação, como as redes de telecomunicações, cabos de fibra ótica, redes *Wi-Fi*, *Wi-MAX*, *Wi-Mesh*, *Media Centers*, receptores e transmissores de comunicação a distância, estradas inteligentes, casas e prédios inteligentes, entre outras inovações técnicas.

A ênfase dessa abordagem está na relação espacial entre a cidade e as tecnologias, destacando as relações socioeconômicas, política e culturais advindas da analogia gerada entre cidade e tecnologias da informação e comunicação (SILVA, 2005). O Rio é hoje um imenso “sistema eletrônico”, na confluência de redes telecomunicacionais e telemáticas.

A cidade-rede apresenta, logicamente, características globais e do meio técnico-científico-informacional que a conforma. Ao mesmo tempo, tais particularidades podem ser melhor direcionadas e aproveitadas. A questão-chave é avaliar qual o aproveitamento das potencialidades das comunicações por redes digitais. Como democratizá-la, como expandi-la sem burocratizá-la, como torná-la ágil sem torná-la inacessível, como desenvolvê-la sem desumanizá-la e, principalmente, como incorporá-la no desenvolvimento urbano.

Se plural e multicultural, há que se perceber seus espaços públicos como acontecimentos culturais e comunicacionais. Implica admitir que o consumo se constrói como parte integrante da sociedade, pois, ao se consumir a e na cidade, se pensa, se elege e se reelabora o sentido social do público. Frequentemente, os desejos se convertem em demandas e em atos socialmente reguladores, seja no espaço glamourizado e “globalizado” da Barra da Tijuca – com seus *shopping-centers* romanos e estátuas *fakes* -, seja no tradicional comércio do Saara, no Centro da cidade.

Bibliografia

- ABREU, Mauricio de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRio, 1997.
- ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. In: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 49, p.33-46, nov./1997.
- ARANTES, Otilia, (org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- _____. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Edusp, 1998.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/ São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORJA, Jordi. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas das interculturalidades**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. **Culturas Híbridas- Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro Vezes Cidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- _____. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. **A sociedade em rede.** (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **O poder da identidade.** (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel & BORJA, Jordi. As cidades como atores políticos. In: **CEBRAP.** Novos Estudos, nº 45, p. 152-166. São Paulo/Julho, 1996.
- COCCO, Giuseppe (org.). **A cidade estratégica:** novas e velhas práticas no planejamento do Rio de Janeiro: a impostura do Porto de Sepetiba. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 (Coleção Espaços de Desenvolvimento).
- _____. A cidade policêntrica e o trabalho da multidão. In: **Lugar Comum,** n.9/10, NEPCOM/ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura Global:** nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FRIDMAN, Fania, SIQUEIRA, Eduardo Cezar. Uma cidadela global no Rio de Janeiro. In: **Revista Rio de Janeiro,** n.9, jan./abr. 2003. p.23-40.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **A cidade como arena da multiculturalidade.** Disponível em www.compos.org.br/e-compos.
- GRAHAM, Stephen. **Rumo à cidade em tempo real.** Desenvolvimento urbano numa sociedade globalizada e telemediática. Em www.wisotel.com.br/espaco_de_futuros/vcidade.htm. 10/07/05.
- _____. **The Cybercities Reader.** New York: Routledge, 2004.
- _____. **Telecommunications and the city:** eletronic spaces, urban places. New York: Routledge, 1996.
- GUERREIRO, Evandro Prestes. **Cidade Digital:** infoinclusão social e tecnologia em rede. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. **Condição Pós-Moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JAMESON, Fredric. **Modernidade singular:** ensaio sobre a ontologia do presente. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **A cultura do dinheiro:** ensaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. Rio de Janeiro: Ática, 1996.
- LEMOES, André (org.). **Cibercidade II:** Ciberurbe. A cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- _____. **Cibercultura e Mobilidade:** a era da conexão. Em <http://www.vitoria.upf.tche.br/amilton/alemos.html>. 29/03/06.
- LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis.** Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2005. (Coleção Metrôpoles)

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La globalización em clave cultural: uma mirada latinoamericana**. Montreal. 2002. Em http://www.infoamerica.org/teoria/martin_barbero6.htm. 25/08/05.
- MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005. (Episteme 2).
- MITCHELL, WILLIAM. **City of Bits**. Disponível em http://mitpress.mit.edu/e-books/City_of_bits.08/03/06.
- _____. **E-topia: a vida urbana, mas não como a conhecemos**. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- MORAES, Denis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.
- _____. **Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PRADO, Eduardo. **Wi-MAX no mercado corporativo e no governo**. Em www.wirelessbrasil.org/eduardo_prado/2006/10_mar.html. 02/11/06.
- PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. Plano estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. **Rio Sempre Rio**. Rio de Janeiro. Imprensa da Cidade, 1996.
- _____. Secretaria Municipal de Urbanismo/Instituto Pereira Passos/Diretoria de Informações Geográficas. Programa de Desenvolvimento para a cidade do Rio de Janeiro. In: Rio em Estudos, n.113, jul/2003.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org.). **Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Rio de Janeiro: FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, 2004.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-30): mediações, linguagens e espaços**. Edições Casa de Rui Barbosa, 2004. (Coleção FCRB, Série Estudos).